

CONFIDENTIAL

38

TRANSLAÇÃO

ENTREVISTA A MUNCHA

Entrevista do "National Zeitung" com o Presidente do  
Conselho português Salazar.

Salazar e o processo das Nações Unidas

O Presidente do Conselho português, Professor Dr. António de Oliveira Salazar, recebeu em Lisboa o editor do "Deutsche Nationale Zeitung", Dr. Gerhard Frey, que com ele teve uma longa conversa.

Este "Chefe de Estado" (sic), geralmente pouco disposto à publicidade da imprensa - não recebe, por princípio, representantes dos jornais - tomou posição perante problemas decisivos da política internacional, ajustando contas, muito especialmente, com as "Nações Unidas".

Presidência do Conselho Prof. Dr. Salazar: A nossa conversa desta tarde, caro Dr. Frey, dá-me tanto mais satisfação quanto é certo, a imprensa alemã, de um modo geral, assumir uma atitude pouco objectiva no que respeita a Portugal. Sem dúvida que há estados cuja imprensa é muito mais agressiva, mas da imprensa alemã descejar-se-ia uma justa apreciação da nossa atitude moral que, além de mais, está na linha dos interesses europeus. Não é verdade?

Dr. Frey: Senhor Presidente, a explicação é muito simples. Grande parte dos meus "collegas" da imprensa alemã foram lançados pelas tropas de ocupação. Como se sabe, as potências ocupantes não p~~re-~~seguiam qualquer política baseada em conceitos idealistas e altruístas, mas sim, e naturalmente, a política dos seus interesses bem definidos. Sendo assim, quase sempre escolhiam colaboradores capazes de soldar a seu favor a opinião pública alemã, o que ainda hoje em boa parte está fazendo. Evidentemente que há entre eles também algumas pessoas rectas mas não é dessas que aqui se está tratando.

O lado cínico de tudo isso está em que as pessoas a quem os funcionários da imprensa aliados confiaram a "formação da opinião pública" da Alemanha não representam os identificados com os que 12 anos atrás receberam de Dr. Goebbels o mesmo encargo, ainda que est~~as~~ sig~~as~~ opostas. É assim, Senhor Presidente, que se explica a realidade abismal.

que exorta muitos dos nossos leitores de opinião.

Prof. Salazar: Essa interpretação é muito em si mesma. Mas deve saber que a realidade da imprensa mundial recalcita quando em nós subste. E deixar-nos-la indiferentes, se com ela se não ardeasse a envolver os povos.

Dr. Frey: Talvez, Excelência, não haja neste mundo outro governo, ou pelo menos haverá muito poucos, que, como Vossa Excelência, orientem a sua política exclusivamente pelos princípios morais, sustentando-se afeitos, haja o que houver, a esses princípios e contra inimigos que parecem ultra-poderosos.

Prof. Salazar: Ao considerarmos a "posição moral" da Rússia torna-se claro que Portugal nada de bom pode esperar dessa lado. Desde o século XV que Angola pertence a Portugal, e nesse longo espaço de tempo, segundo crente, prestámos altos serviços a essa terra e aos seus habitantes. E quais serão, em contrapartida, os serviços prestados pela União Soviética, que subjugou 100 milhões de pessoas e que há 18 anos se apodera de grandes territórios que não lhe pertencem; mas que, e sem disso curar, ainda erguer-se perante as chamadas Nações Unidas como acusador de Portugal? A tal acusação falta toda e qualquer fundamentação<sup>moral</sup>, não só pelos procedimentos dos soviéticos, que não públicos e notórios, mas também pelas acções dos portugueses que testemunham o contrário do que ela faz.

Dr. Frey: Mas não se associa a outra potência mundial em muitos problemas à União Soviética?

Prof. Salazar: Nada temo, portanto, a superior da União Soviética. No que respeita aos Estados Unidos, não deve, no entanto, perder-se a esperança de que ainda venham a reconsiderar. Julga-se hoje que a "descolonização" da África, tal qual a vêem, serve os seus interesses. É uma conclusão ilusória de cujas consequências os próprios Estados Unidos se terão de convencer sob aspectos bastante desagradáveis.

Depois de nós, em Angola e Moçambique só poderia surgir o caos, que também não servirá aos americanos.

### A política americana sobre línguas nômades

Dr. Frey: O caso do Congo também foram alar por certo que o provocaram. Se Vossa Excelência, Senhor Presidente, considerar a política dos Estados Unidos durante o último meio século, verificará que ela não raramente conduziu a resultados céticos. Penso Vossa Excelência, por favor, na política externa americana dos anos 1944 e 1945, que entregou metade da Europa aos soviéticos.

Prof. Salazar: O que não descorrimos na política americana é a clareza e a rectidão de linhas. Os americanos creem hoje que podem distinguir entre um Portugal branco e um Portugal negro. Desejam tratar o Portugal europeu como aliado, não não o ultramarino. E com isso estão exigindo demasiado de nós, como nós deles demasiado exigências se aceitássemos como amigos os Estados brancos do norte dos Estados Unidos, mas adoptássemos uma outra bitola para com os Estados negros do sul, que formam a maioria.

Dr. Frey: Os Estados Unidos esperam que em caso de conflito, tanto a Alemanha Federal como Portugal estejam incondicionalmente a seu lado. Mas quando Nehru anexa a província portuguesa de Goa, e quando hoje, vinda do exterior, se infiltra propaganda subversiva em Angola, então os amigos americanos esquecem-se da reciprocidade que está implícita em qualquer aliança. Se se analisarem sob tais aspectos as promessas americanas de defesa da Europa, então será caso para que desapareça toda a qualquer confiança.

### Quilares e fracasso das Nações Unidas

Prof. Salazar: Os Estados Unidos, em si, dependem da Europa, como nós dependemos dos americanos. Dentro dos próximos anos dificilmente será possível à Europa prescindir da potência defensiva do Novo Continente. Mas julgo que dos reforços conjuntos dos europeus virão a surgir o dia em que nos colocaremos em pé de igualdade ao lado dos Estados Unidos. Nos últimos tempos tenho tido a impressão de que a América se fica cada vez mais na força da Alemanha. Também em Washington se reconhece que, sem um papel destacado da Alemanha, a Europa não poderá subsistir. Neste, como em muitos outros aspectos, vejo pontos de partida esperançosos na política americana.

Dr. Frey: A tutela e a representação, Senhor Presidente, sob que nós, europeus, presentemente vivemos, parece, com o tempo, difícil de suportar. O nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros tem hoje de defender Portugal perante as Nações Unidas contra todas as possíveis e impossíveis acusações. A maioria dos Estados que se arrogam o papel de acusadores nada deram, em geral, à humanidade e não ser alguns anos de ditadura e de caos sobre territórios onde reina o analfabetismo, e onde ainda por cima, e por assim dizer, se comem uns aos outros. A nós, europeus, não nos resta portanto outra coisa que não seja o de, com total respeito pela personalidade própria das nações, nos mantermos unidos e defender os interesses do vizinho, onde eles sejam bem fundamentados como no caso dos portugueses, como se fossem os nossos próprios interesses.

Prof. Salazar: Com o apoio a Portugal por parte dos Estados europeus não estou nada satisfeito. Eles não entendem que, neste caso, também estão em jogo os seus mais elementares interesses. A sua política segue por trilhos pré-concebidos, como está prescrito, por exemplo, na política de partidos. E no caso presente não se trata, em primeira linha, de Portugal, mas sim da Europa, de todos nós. Quem atacar Portugal pelas costas, trai a Europa, trai o nosso direito à vida.

Apenas constituiu excepção a Alemanha, a França e a Espanha. Nelas encontramos inteira compreensão e apoio. A Europa precisa do seu complemento, que é a África e também necessita das matérias primas desse continente, tal como os africanos de nós precisam.

Na apreciação da atitude de muitos Estados africanos a respeito da política portuguesa haverá que distinguir duas coisas: a agitação dos representantes perante a ONU e a compreensão que os Estados de cor mostram nas conversações bilaterais com Portugal. Perante o fórum do "Organismo Mundial" procura a maioria dos delegados de cor excederem-se uns aos outros em agressividade e barulheira. Mas nas conversações que com eles entabulamos atrás dos bastidores apresentam-se-nos um aspecto totalmente diferente. Até mesmo nos confessam que a África precisa dos portugueses e que Angola e Moçambique, para bem dos seus filhos negros e brancos - que nós em caso algum abandonaremos - é conhecido que melhor servirão. Nos últimos tempos o bem mesmo tem ganhado bastante terreno nos jovens estados, e creio que esta viragem proseguirá. A África e a Europa formam um todo.

Dr. Frey: Senhor Presidente, as suas afirmações causaram-me extraordinária impressão. Contudo, fica ainda de pé a preocupação: poderá Portugal manter as suas províncias africanas até que os pontos de partida para uma viragem da política americana e africana venham a impor-se, como Vossa Excelência supõe? Não vejo, sobretudo, a mínima razão lógica para qualquer antagonismo entre Portugal e o mundo árabe.

Em qualquer caso, permite-se assegurar a Vossa Excelência que as simpatias da grande maioria da nossa Nação pela vossa são indiscutíveis. Ligan-nos muitos laços e não esqueceremos muito especialmente a nobre e recta atitude sob todos os pontos de vista assumida pelo vosso Governo perante a Alemanha vencida da segunda guerra mundial. Vossa Excelência tratou a Alemanha derrotada da mesma maneira por que a tratara quando ela estava vitoriosa, e isso, Senhor Presidente, mais uma vez testemunha um dos vossos grandes princípios morais que nitidamente se erguem acima da pilhagem feita ao nosso calvar por outros Estados neutrais nos anos de 1945 e posteriores.

Prof. Salazar: Saudamos especialmente os acordos estabelecidos com as Forças Armadas Alemãs, no interesse de todos. Serão um bom passo em frente na defesa comum. E também sob o ponto de vista económico-político, se se é permitido salientarmos segundo campo de acção, vejo grandes possibilidades para ambas as partes. Portugal faz actualmente parte da EFTA, mas não duvido de que se chegará a arranjos úteis para a economia europeia. Depredito nisto muitas e variadas esperanças.

Dr. Frey: O que especialmente admiramos na vossa política governamental é o facto de Vossa Excelência há mais de trinta anos proporcionar a paz ao vosso País, quer interna quer externamente. E isso maior importância assume se considerarmos as antecedentes condições caóticas. Falei aqui, no vosso País, com pessoas dos mais variados sectores, e por toda a parte encontrei concordância com a vossa política, admiração pela vossa pessoa e, acima de tudo, o império do direito e da justiça, algo que não, naturalmente, julgamos ser particularmente benéfico. O quadro que aqui se nos apresenta é, portanto, totalmente diferente do que alguns agitadores portugueses apresentam ao estrangeiro e na imprensa mundial.

Prof. Salazar: Caro Dr. Frey, julgo que não terá acreditado

no quadro negro que eles pintam a nossa respeito. E reconheço, com gratidão, a atitude objectiva do Vosso jornal. É absurdo que a propaganda anti-portuguesa apresente as coisas como se aqui reinassem a opressão e o terror, como se assassinássemos os adversários políticos, e até a.m. os comensais offes ao pequeno almoço.

Dr. Frey: Senhor Presidente, isso dos offes ao pequeno almoço não passa, afinal, de boa pequena censura, uma vez que boa parte dos vossos inimigos de pele escura se delicia ao pequeno almoço com cristuras hípedas.

Prof. Salazar: E que se poderá esperar?

Dr. Frey: Em todo o caso desajeitadamente esperar que o leão do governo português se mantenha ainda por muito tempo as boas mãos e, se tornarmos por padrão a idade com que se retirou o Dr. Alenauer, então ainda Portugal e a Europa poderão confiar em que a vossa governação se mantenha por mais 15 anos. E com esse vosso excelente estado de saúde actual poderá então pôr-se ainda mais uma vez a questão.

Prof. Salazar: (rí, concordante): Nesse sentido me escreveram há dias o Dr. Alenauer, que eu, e isso lhe quero precisamente dizer, meu caro Dr. Frey, muito especialmente adeiro. Negocijo-me com a sua visita a Portugal. Miga isso lá na Alemanha.

Dr. Frey: Dará a oposição comunista ao vosso País um "chance" de chegar ao Poder?

Prof. Salazar: Não. Para os comunistas só haverá aqui um "chance" se perdermos Angola e Moçambique. Nesse caso, virá a revolução.

Dr. Frey: Virá Vossa Excelência, com o tempo, a ter êxito na política respeitante às Províncias Ultramarinas?

Prof. Salazar: Realizarei essa política com toda a firmeza.

\* \* \*

Leia no próximo número uma conversa do nosso editor com o Ministro Português do Ultramar, Teixeira Correia "A Verdade sobre o colonialismo português".  
Secção de Informação Extrajornal, 19 de Novembro de 1963. - NR/M -